# OPINIÃO SOCIALISTA

PSTU

Nº597

De 3 a 15 de setembro de 2020

Ano 23

R$2 | (11) 9.4101-1917 | PSTU Nacional | www.pstu.org.br | @pstu | Portal do PSTU | @pstu_oficial

LIT-QI Liga Internacional dos Trabalhadores Quarta Internacional





MEDIDAS DE EMERGÊNCIA

# EM DEFESA DO EMPREGO, DA RENDA, DOS SALÁRIOS E DA VIDA!

Página 9 e 10

## Bolsonaro corta auxílio emergencial de R$ 600 para R$ 300

Página 7 e 8

## Com desemprego em alta, Brasil chega a mais de 123 mil mortes

Páginas 6, 7 e 8

## Rebelião contra racismo e violência policial retoma as ruas dos EUA

Página 12 e 13

## Luiz Gama: nascido e cunhado na rebeldia contra a escravidão

Página 16

## Greve dos Correios: em defesa da vida e contra a privatização

Página 14

PDF INTERATIVO CLIQUE NO QR CODE > DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

# páginadois

CHARGE




## Falou Besteira



**“Vontade de encher tua boca com uma porrada, tá ?”**

Bolsonaro, em resposta a um jornalista que perguntou sobre os motivos para Queiroz ter depositado R$ 89 mil na conta da primeira-dama Michelle.

REPRESSÃO

## Intimidação da PM em Goiás




Depois da resposta de Bolsonaro a um jornalista que o questionou sobre as razões que levaram Fabrício Queiroz a depositar R$ 89 mil na conta da primeira-dama, proliferaram-se memes na internet com a mesma pergunta feita pelo jornalista: “Bolsonaro, o Brasil quer saber: por que o Queiroz depositou R$ 89 mil na conta de sua mulher?” Um grupo de moradores de Caldas Novas, Goiás, confeccionou uma faixa de protesto com a mesma pergunta para receber Bolsonaro, que fez uma visita à cidade para inaugurar um projeto, no dia 29 de agosto, e a colocaram no aeroporto. Outra faixa dizia: “Obrigado, Bolsonaro, pela alta do dólar, alta dos combustíveis e o arroz custando 30 contos.” No entanto, poucas horas depois, policiais militares resolveram intimidar os manifestantes. Foram até a empresa contratada para fazer a faixa, prenderam o seu dono e, com ele no camburão, seguiram até a casa do pintor para intimidá-lo. Depois, ligaram para um dos líderes do protesto pedindo seu endereço. Segundo uma reportagem da Folha de S.Paulo, os PMs disseram a ele que estava cometendo crime contra a honra e que estavam “cumprindo ordens da Abin”, o serviço de espionagem do Brasil.

CAMBALACHO

## Censura e proteção a Paulo Guedes



Uma decisão da 32ª Vara Cível do Rio de Janeiro obrigou o Jornal GGN a tirar do ar uma série de reportagens sobre o Banco BTG Pactual, um banco ao qual o atual ministro da Economia, Paulo Guedes, foi ligado. A decisão do juiz Leonardo Grandmasson Ferreira Chaves se baseia numa série de reportagens realizadas pelos jornalistas Luís Nassif e Patricia Faermann. Uma das matérias aponta uma estranha venda de créditos podres do Banco do Brasil para o BTG Pactual. A venda traria lucro fácil ao BTG e lança suspeita sobre a influência de Guedes na jogada. Outra reportagem censurada fala do lucro obtido pelo BTG por meio de fundos ligados às empresas de previdência privada no Chile, que administram o modelo previdenciário que Guedes vem tentando imitar no Brasil

TROPA DE ELITE

## Guardiões do Crivella

O prefeito Crivella do Rio de Janeiro contratou funcionários (tudo pago com dinheiro público, claro) para atacar jornalistas e pessoas entrevistadas que façam críticas a saúde municipal e ao prefeito. Os funcionários contratados pelo prefeito formam grupos e ficam de plantão em escalas de horário na frente dos hospitais. Quando alguma equipe de TV ou alguma pessoa resolve criticar o atendimento, denunciam os problemas na saúde da capital fluminense, os “guardiões” partem pra cima, xingando ou gritando “Bolsonaro”.

## Expediente

**Opinião Socialista** é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.
CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

**JORNALISTA RESPOSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555)

**REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

**DIAGRAMAÇÃO** Luciano Lasp

**IMPRESSÃO** Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA **WhatsApp**

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

**(11) 9.4101-1917**

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



# Combater a desigualdade



Bolsonaro cortou pela metade o auxílio emergencial de R$ 600. Agora vai pagar R$ 300 até dezembro. Ele quer transformar esse valor no Renda Brasil, substituto do Bolsa Família a ser pago a partir de janeiro a apenas 20 dos 65 milhões que hoje recebem o auxílio emergencial.

Esse tombo no auxílio ocorre quando o país segue de mal a pior. O PIB teve queda recorde de 9,7% no segundo trimestre. No primeiro trimestre, foi revisado para baixo; não caiu apenas 1,5%, mas 2,5%, mostrando que a economia já vinha mal antes da pandemia. Os números são de uma depressão.

Apesar do auxílio emergencial, houve uma queda livre de 15,4% na soma do rendimento dos trabalhadores. É o resultado de demissões, rebaixamento dos salários e diminuição dos "bicos". O desemprego, por sua vez, atinge mais da metade da população em condições de trabalhar e, segundo o IBGE, continua crescendo para todos e atingindo mais ainda negros, mulheres e jovens.

## MEDIDAS CONTRA O DESEMPREGO, EM DEFESA DA VIDA, DOS SALÁRIOS, DOS DIREITOS E DA RENDA

A diminuição da renda emergencial, que já era muito insuficiente, é apoiada pela maioria dos capitalistas e do Congresso Nacional. O que Bolsonaro, capitalistas e Congresso defendem é tirar esse dinheiro dos trabalhadores com carteira assinada, da classe média e pequenos proprietários e das privatizações. Da mesma maneira que impõem o desemprego, rebaixam salários e direitos.

Enquanto os trabalhadores dos Correios lutam contra a retirada de direitos, a precarização e a privatização, o conjunto do funcionalismo, formado majoritariamente por trabalhadores que recebem entre um e cinco salários mínimos, enfrentam a ameaça de uma nova reforma administrativa. Já os marajás mantêm e aumentam privilégios, como a cúpula das Forças Armadas, os políticos e os juízes. Ou o próprio Bolsonaro, que ganha mais de R$ 70 mil. Sem contar as falcatruas e a pergunta sem resposta: "por que Queiroz depositou R$ 89 mil na conta da primeira dama, Michele Bolsonaro?"

## PARA ATACAR A DESIGUALDADE, PT E PSOL NÃO SÃO SOLUÇÃO

Nós, do PSTU, defendemos que se mantenha o pagamento dos R$ 600 para os 65 milhões enquanto não houver emprego e não terminar a pandemia. Dizemos, inclusive, que R$ 600 é muito pouco e que o Brasil tem dinheiro para garantir muito mais do que isso, basta tirar dos super-ricos, dos banqueiros e das multinacionais. Apenas 42 bilionários lucraram na crise tudo que esses 65 milhões ganharam em quatro meses.

Contudo, o projeto para o nosso país não é capitalismo com renda de R$ 600 para a maioria. Isso sequer diminui a desigualdade. Para atacar a desigualdade, é preciso atacar para valer os super-ricos e a dominação do nosso país por multinacionais, bancos e especuladores imperialistas.

Garantir igualdade é garantir pleno emprego com salário mínimo do Dieese (hoje de R$ 4.420,11), universalizar o saneamento básico e garantir moradia digna para todos. É proporcionar saúde e educação de qualidade, públicas e gratuitas. É defender as florestas e o meio ambiente, garantindo as reservas indígenas. É garantir reparação para negros e negras, titulação das terras quilombolas e fim da violência policial, do encarceramento em massa e do racismo. É acabar com o feminicídio, o lesbicídio e a xenofobia, botando fim no machismo e na lgbtfobia. É garantir reforma agrária no campo e incentivar o crédito ao pequeno produtor.

Tudo isso é possível se enfrentarmos os menos de 1% que controlam a grande propriedade: a grande indústria, os bancos, as grandes redes de comércio; se derrubarmos o modelo econômico vigente no Brasil.

O PT ficou 14 anos no governo e a desigualdade não diminuiu. Nunca atacou os super-ricos. Ao contrário, atacou os trabalhadores com carteira assinada, as aposentadorias e a classe média. Seu reformismo fraco, como se vê, até um reacionário de mão cheia como Bolsonaro pode fazer.

É preciso reduzir a jornada de trabalho sem reduzir os salários, anular todas as privatizações e reestatizar as estatais privatizadas, sob controle dos trabalhadores; revogar as reformas da Previdência e trabalhista, estatizar o sistema financeiro e colocá-lo sob controle dos trabalhadores, acabar com a Lei de Responsabilidade Fiscal e instituir uma de responsabilidade social que triplique os investimentos em saúde e educação públicas.

É preciso derrotar esse governo da morte, do desemprego, da guerra social contra os trabalhadores; corrupto, autoritário e capacho de Trump. É preciso enfrentar igualmente as alternativas de direita, como Maia, Doria, enfim, PSDB, DEM, PMDB e cia.

Mas, é preciso dizer também que PT, PCdoB e PSOL não são solução, porque não se propõem a enfrentar os super-ricos. Pelo contrário, propõem-se a governar em aliança com eles nesse sistema capitalista que aí está.

Precisamos urgente de uma alternativa socialista e revolucionária que aponte para um novo modelo de sociedade e um governo socialista dos trabalhadores, no qual a classe trabalhadora e o povo pobre governem em conselhos populares.

LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/34UTRY5

*DE NORTE A SUL DO BRASIL*

# PSTU apresentará candidaturas revolucionárias e socialistas

**ROBERTO AGUIAR,**
**DE SALVADOR (BA)**

O PSTU terá candidaturas revolucionárias e socialistas em todo o país. O partido apresentará um programa que responde às necessidades mais sentidas pelos trabalhadores e pelo povo pobre (leia nas páginas 7, 8 e 9). Vamos chamar a derrubada do governo genocida de Jair Bolsonaro e dizer aos trabalhadores que não depositem nenhuma confiança em projetos que não rompam com o capitalismo, que apenas apresentam a velha ilusão de governar com setores ditos progressistas da burguesia, como fazem PT, PCdoB e PSOL.

Vamos participar das eleições para dizer que as mudanças necessárias em nossas cidades e no país só vão acontecer com o povo na rua, mobilizado e organizado. Para nós, as eleições servem para fortalecer a luta dos trabalhadores e divulgar o programa socialista. Chamaremos os trabalhadores a inaugurar uma democracia de verdade para que sejam os de baixo a terem o poder e definirem todos os dias os destinos do país. Precisamos de um governo socialista, operário e popular, que implante essa verdadeira democracia, na qual os trabalhadores governem em conselhos populares nos bairros, nas empresas, nas escolas.

Por isso é tão importante que os trabalhadores e os jovens que estão à frente das lutas sindicais, estudantis e populares se integrem ao apoio às nossas candidaturas. Acreditamos que é muito importante votar e eleger nossos candidatos socialistas. O voto num candidato nosso significa fortalecer uma estratégia socialista para a sociedade. A velha história do voto útil, no candidato menos pior, só fortalece a continuidade da situação atual.

**LEIA NO SITE:**
**HTTPS://BIT.LY/3BKJ9SS**

**CANDIDATOS**

## Conheça as candidaturas revolucionárias e socialistas do PSTU

Nesta edição, apresentamos as pré-candidaturas do PSTU nas cidades de São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (BH) e São Luís (MA).



**Vera**
**São Paulo (SP)**

**Vera é a pré-candidata do PSTU à prefeitura de São Paulo, única mulher negra e operária entre as 18 pré-candidaturas anunciadas. Vera foi a candidata do PSTU à Presidência da República em 2018.**

**“Vou aproveitar o momento das eleições para ampliar a luta pelo Fora Bolsonaro e Mourão e denunciar a cumplicidade do prefeito Bruno Covas (PSDB) ao liberar geral a quarentena, que sempre foi parcial. Assim como a insuficiência de suas medidas contra a COVID-19, que até agora vitimou quase 30 mil pessoas, a maioria pobre, negra e moradora da periferia”, afirma Vera.**

**Vera ressalta que um projeto de mudança para São Paulo precisa questionar o sistema capitalista. “Vamos apresentar uma alternativa revolucionária e socialista porque não existe saída para melhorar a vida da classe trabalhadora e do povo pobre sem romper com a burguesia e com os capitalistas”, diz.**

**“Nos mandatos do PSDB aumentaram a desigualdade social e a violência contra negros e negras. A experiência com PT/PCdoB, em aliança com a burguesia, não melhorou as condições de vida do trabalhador paulistano. E qualquer promessa de revolução solidária sem mexer nas bases do sistema capitalista, como apresenta o PSOL, não é alternativa para derrotar o PSDB ou a ultradireita de Bolsonaro”, destaca Vera.**

**O professor Lucas Antônio forma a chapa do PSTU ao lado de Vera à prefeitura da maior cidade do país. A convenção que formalizará as candidaturas do PSTU acontecerá no próximo dia 12.**



**Cyro Garcia**
**Rio de janeiro (RJ)**

**Na cidade do Rio de Janeiro, o professor universitário e bancário aposentado Cyro Garcia é o pré-candidato a prefeito pelo PSTU. A professa Elisa Guimarães é a pré-candidata a vice.**

**Cyro Garcia é um militante histórico. Foi uma das principais lideranças da greve bancária de 1979, um dos principais dirigentes do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro e presidente da entidade entre 1991 e 1993.**

**Cyro será o porta voz do programa revolucionário e socialista do PSTU nestas eleições. “Nossa candidatura estará a serviço das lutas da classe trabalhadora, em especial do povo negro quanto à opressão e à exploração. Apresentaremos um programa de ruptura com o capitalismo, uma alternativa socialista e revolucionária. Um programa que vai no sentido de pavimentar um caminho para a construção de uma sociedade sem explorados e exploradores, que nesse momento passa por um combate frontal contra esse governo genocida”, destaca.**

**“Temos que derrotar também o atual prefeito do Rio de Janeiro, que segue a mesma política genocida de Bolsonaro, que já tinha destruído a saúde primária do município, facilitando o caminho da pandemia da COVID-19”, afirma Cyro.**

**A convenção eleitoral que oficializará as candidaturas será no dia 5 de setembro.**



Wanderson Rocha
Belo Horizonte (BH)



Vanessa Portugal
Pré-canditada a vereadora por BH

Na capital mineira, o professor Wanderson Rocha e Firmínia Rodrigues são os pré-candidatos do PSTU para prefeito e vice respectivamente.

Wanderson Rocha ressalta que o PSTU vai defender uma Belo Horizonte para os trabalhadores, contra as candidaturas dos ricos e poderosos, que ficam cada vez mais rico à custa da exploração dos trabalhadores. “Temos percebido, desde o início dessa pandemia, que os ricos estão ganhando. Nós temos no Brasil 42 bilionários que tiveram um aumento de suas fortunas em cerca de R$ 34 bilhões. Enquanto isso, os trabalhadores têm pagado a conta da crise, seja com redução de salários, no caso da iniciativa privada, seja com congelamento de vencimentos, no caso dos servidores públicos”, pontua.

“É contra esse sistema desigual, que vamos apresentar uma alternativa socialista, propor uma administração municipal com foco na classe trabalhadora e com a descentralização do poder. A população governará em conselhos populares, espaços de discussão e decisão democrática, que vai garantir de fato que quem produz a riqueza, que são os trabalhadores, governem”, destaca Wanderson.

A convenção eleitoral do PSTU de Belo Horizonte será no dia 10 de setembro.



Hertz Dias
São Luís (MA)

Numa das cidades mais negras do Brasil, o programa revolucionário e socialista do PSTU será apresentado pelo ativista do movimento negro, professor Hertz Dias, que nas eleições de 2018, foi candidato a vice-presidente da República, formando com a Vera a única chapa 100% negra a concorrer à Presidência do país.

Hertz é professor de História na educação básica da rede pública municipal e estadual. É cofundador do Movimento Hip Hop Quilombo Urbano, que existe desde 1989 e é uma das mais antigas organizações de hip hop do Brasil, e do Movimento Hip Hop Quilombo Brasil. É também vocalista do grupo Gíria Vermelha.

“Vamos apresentar um programa que chama os trabalhadores e o povo pobre a governar a cidade de São Luís. Se eleitos, vamos organizar os conselhos populares formados por trabalhadores de todas as áreas. Se os trabalhadores decidirem que será um gari junto com outros garis que vão gerir os serviços de limpeza do município, sim, serão eles. Por que não? Se os conselheiros da Educação indicarem uma merendeira, um porteiro e uma professora da educação infantil para representá-los no Conselho da Educação, sim, serão esses trabalhadores e trabalhadoras que os representarão, e assim por diante”, destaca Hertz.

“A situação de degeneração do capitalismo faz com que as pessoas passem a dar mais atenção ao nosso programa. O que antes era visto como loucura ou algo irrealizável, agora é visto como alternativa diante de um sistema doente e irracional, como é o capitalismo”, afirma o pré-candidato do PSTU à prefeitura de São Luís.

NEGROS E NEGRAS

# Um partido de raça e classe

**WAGNER DAMASCENO, DA SECRETARIA NACIONAL DE NEGRAS E NEGROS DO PSTU**

O PSTU é o partido que apresenta o maior número de candidaturas de negras e negros nas eleições brasileiras. Em 2018, apresentamos, pela primeira vez na história do país, uma chapa presidencial 100% negra, com a operária Vera Lúcia, candidata a presidente, e o rapper e professor de História, Hertz Dias, candidato vice.

Nestas eleições municipais, não será diferente. Apresentaremos candidaturas negras e socialistas em todas as regiões do país para defender uma alternativa socialista para o povo negro, para os trabalhadores e para o povo pobre das cidades brasileiras. Aqui, destacamos algumas dessas candidaturas em grandes cidades do país.

No Rio de Janeiro, o professor e bancário aposentado Cyro Garcia, defenderá um programa socialista para a capital fluminense. Em São Bernardo do Campo (SP), Cláudio Donizette vai mostrar a força da classe operária negra, denunciando o descaso com a periferia e os desmandos dos patrões. Em São Luís (MA), Hertz Dias denuncia os ataques do governo de Flávio Dino (PCdoB) e defende um programa político para negros, pobres, quilombolas e trabalhadores de São Luís.

Em São Paulo, Vera Lúcia mostra a força da mulher negra e operária. Sem papas na língua, Vera denuncia os ataques do governador João Doria e do prefeito Bruno Covas aos trabalhadores da capital e apresenta um programa político para enfrentar a pandemia da COVID-19 e a crise econômica.

Por fim, há ainda outra coisa que unifica as nossas candidaturas: a luta para botar para fora Bolsonaro e Mourão! Afinal, derrubar essa quadrilha autoritária é uma necessidade para os trabalhadores preservarem suas vidas e seus empregos.




Somente uma luta de raça e classe é capaz de derrotar esse monstro de três cabeças que ameaça nossas vidas e empregos: COVID-19, crise econômica e governo Bolsonaro.

**RAIO X**

**PSTU terá candidatura em 51 cidades**
**PSTU terá candidatos a prefeituras em 17 capitais**
**41% do total das candidaturas do PSTU são mulheres**

PANDEMIA

# Enquanto vírus avança, Bolsonaro e governadores naturalizam mortes

DA REDAÇÃO

O Brasil está com quase 4 milhões de casos de COVID-19, registrando quase 123 mil óbitos em seis meses de pandemia. Para se ter uma ideia do descalabro, nosso país tem 3% da população mundial, mas registra 15% dos casos de COVID-19 no mundo. Nesse cenário escabroso, tem-se a perda diária de mil vidas em média, o que tornará o Brasil um dos países com mais mortes por milhão de habitantes. Não há fake news que oculte essa triste realidade, embora fake news sejam produzidas aos montes pelo governo Bolsonaro e seus seguidores.

Esses números podem ser ainda maiores. No Brasil, a pandemia corre solta, e o país não testa. Por isso, é difícil saber o tamanho exato da tragédia. Uma indicação pode ser o crescimento inexplicado de 30% nas mortes por Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) não diagnosticadas. Segundo o Ministério da Saúde (Boletim 28), do total de 610.958 casos de hospitalizados com início de sintomas de SRAG, de janeiro até 16 de agosto, 51,9% (316.814) foram confirmados para COVID-19, mas 33,1% (202.378) por SRAG não especificada. Isso significa que podemos ter de 30 a 40 mil mortes por COVID-19 que não foram diagnosticadas.

Essa situação é responsabilidade direta do governo Bolsonaro, que menospreza a doença e faz campanha para que a economia retorne para evitar maiores danos à sua popularidade; que divulga fake news e medicamentos totalmente ineficazes contra a doença, isso quando não ajudam a piorar a situação dos pacientes, como atestam inúmeros estudos científicos. Essa situação é responsabilidade desse governo que sempre foi contra o isolamento social e jamais garantiu uma política de quarentena para valer, isto é, com garantia de renda e proteção ao emprego dos trabalhadores. Pelo contrário, fez milhares de trabalhadores pegarem ônibus lotados, numa roleta russa diária sob risco de infecção e morte. Afinal, não se vê alternativa diante da negativa de acesso ao auxílio emergencial ou da insuficiência deste para satisfazer as necessidades básicas das famílias.

Recentemente, Bolsonaro chegou a dizer quem ninguém é obrigado a tomar a vacina, que ainda está longe de ser descoberta e distribuída de forma ampla.



### BOLSONARO É CONTRA A VACINAÇÃO

Acontece que qualquer vacina só funciona quando ela é aplicada na grande maioria da população, criando um efeito coletivo de imunidade. Esse é, portanto, mais um crime desse governo genocida que, com suas declarações, pode até tornar inútil uma futura vacinação, prolongando essa terrível agonia que mata milhares de pessoas.

E vem em aí mais uma fake news. Segundo informações do jornal O Estado de S. Paulo, Bolsonaro deu início, junto com o general Eduardo Pazuello, a uma estratégia de colocar na praça uma nova narrativa para ser replicada por apoiadores: quer trocar o papel de "genocida", que lhe cabe muito bem, pelo de "salvador de vidas".

### GOVERNADORES SÃO CÚMPLICES

Não é só Bolsonaro que é responsável por essa triste situação. Os governadores e os prefeitos também são. No começo da pandemia, alguns chegaram a confrontar Bolsonaro, como João Doria (PSDB), governador de São Paulo. Porém logo flexibilizaram as medidas de distanciamento social e permitiram a reabertura da maior parte do comércio.

Todos sabem que a vida voltou ao normal, com ônibus e trens lotados, restaurantes e bares cheios, engarrafamentos de trânsito e muita gente nas ruas. A culpa é do povo ou é dos governos que nunca enfrentaram para valer a pandemia, adotaram algumas medidas paliativas e agora pensam em retomar até as aulas nas escolas públicas?

A naturalização da pandemia é resultado das ações dos governos que salvam os capitalistas e mandam os trabalhadores para o abate. Por isso, mais do que nunca, é necessário lutar por renda, emprego e quarentena geral. Chega de mortes!

**LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3HTJFYN**

EM DEFESA DA VIDA

# Volta às aulas só depois da vacina



O retorno às aulas está na pauta da maioria dos governos e prefeituras. Tal medida ampliaria o contágio e o número de mortes e seria mais um sinal do "liberou geral" para toda a população.

Em Manaus (AM), em apenas 15 dias da volta às aulas, 342 professores da rede pública de ensino tiveram teste positivo para o novo coronavírus. Os dados resultaram de exames aplicados em 1.064 profissionais da educação da cidade, o que equivale a 32,2% de contaminação. Ao todo, a rede pública estadual tem 30 mil educadores. Desde o dia 11 de agosto, os professores amazonenses entraram em greve e tiveram seus salários cortados pelo governador Wilson Lima (PSC).

Em São Paulo, os professores continuam lutando contra o retorno das aulas, realizando atos e ameaçando decretar uma greve caso Doria determine a volta. A pressão para a retomada das aulas vem dos empresários e dos donos de escola. Afinal, como disse o presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo (Sieeep), Benjamin Ribeiro da Silva, "a economia voltou. Onde as pessoas vão deixar as crianças?"

Um relatório da Unicef publicado em agosto escancara a realidade das escolas brasileiras. Menos de 40% têm acesso a saneamento básico; cerca de 61% têm acesso a água potável; e ainda cerca de 5% das municipais e 5% das estaduais não têm nem sequer banheiro. Ou seja, a maioria das escolas não consegue garantir nem o acesso à água potável, medida mínima e necessária para a higienização. Retornar às aulas significa ampliar o genocídio numa escala bem maior do que podemos imaginar. Volta às aulas só depois da vacina!

*FAKE NEWS*

# É mentira que o governo não tem dinheiro para manter o auxílio emergencial

O governo está anunciando a redução do auxílio emergencial pela metade e o seu término no final do ano. A ideia é substituí-lo a partir de 2021 pelo Renda Brasil, uma espécie de Bolsa Família turbinado, reduzindo as 65 milhões de pessoas que sobrevivem hoje com o auxílio a algo entre 20 e 22 milhões de beneficiários com o novo programa, que seria custeado com ataques a trabalhadores assalariados e servidores e com privatizações.

A transformação do auxílio emergencial no Renda Brasil demonstra até onde vão o cinismo e a perversidade da classe dominante brasileira e de seus representantes. Paulo Guedes e Bolsonaro querem se aproveitar do empobrecimento e do desemprego para enriquecer ainda mais os bilionários à custa da fome e da degradação humana.

O governo brasileiro tem nas mãos os instrumentos necessários para garantir o auxílio de R$ 600 para todos os desempregados e informais do país, só não faz porque governa para os grandes empresários e banqueiros.

## CAPITALISMO

### PANDEMIA ACELERA DESIGUALDADES

A profundidade da catástrofe social que assola o país foi acelerada pela pandemia. É o resultado de um sistema capitalista, em nosso caso, agravado pela subordinação do país aos interesses do capital internacional. Mas para os senhores do capital se trata tão somente de dar assistência à chamada população vulnerável. É assim que se referem aos milhões de desempregados e subempregados do país. Os que governam hoje e os que governaram antes são os responsáveis pelo desemprego.

A pandemia acelerou e concentrou num período curto a profunda desigualdade. O que foi revelado é o fato de que a maioria da população se vira como pode para conseguir o pão de cada dia. Não tem emprego nem carteira assinada, vive no subemprego que não consta nas estatísticas do desemprego. Contudo, Bolsonaro hoje, assim como os governos anteriores do PT, demonstra-se incapaz de garantir que o capitalismo brasileiro gere empregos de acordo com o tamanho e a taxa de crescimento da população.

A catástrofe aberta com a pandemia, com a falência dos pequenos negócios que empregam cerca de 80% da força de trabalho, vai aprofundar a crise social. Isso pode ser evitado. O Estado brasileiro tem condições de garantir e manter o auxílio de R$ 600 para a maioria das famílias desempregadas e subempregadas. Basta pegar o dinheiro onde ele está: com os grandes bilionários deste país.

## BRASIL ANTES E DEPOIS DA PANDEMIA

### Milhões de empregos a menos

**Antes da pandemia***
**Desemprego e subemprego****: 28,4 milhões
**População ocupada:** 93,3 milhões
**População fora da força de trabalho:** 64,8 milhões

**Depois da pandemia**
**Desemprego e subemprego:** 31,9 milhões
**População ocupada:** 83,3 milhões
**População fora da força de trabalho:** 77,8 milhões

* SEGUNDO TRIMESTRE DO ANO 2019/2020
** TAXA DE SUBUTILIZAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO

## UMA GRANADA NO BOLSO DOS TRABALHADORES

# Ganhando dinheiro com a miséria alheia

Paulo Guedes, o ministro da Economia, quer transformar a miséria em negócio lucrativo para grandes empresários e banqueiros. Ele mente quando diz que o governo não tem dinheiro para garantir e manter os R$ 600. Por isso, tenta de tudo para utilizar a vida de milhões de pessoas como moeda de troca para impor novas reformas e aprofundar o roubo ao Estado. Tentou vincular a continuidade do auxílio à criação da nova CPMF, o imposto que não tributa só transações digitais. Não satisfeito, tenta acabar com as deduções da saúde e da educação do Imposto de Renda. E um crime ainda mais cruel: quer cortar o abono salarial, o Farmácia Popular e o seguro-defeso.

E não parou por aí. Com o objetivo declarado de colocar uma granada no bolso da maioria dos trabalhadores, alguns jornais denunciam que há estudos dentro do Ministério da Economia para que o seguro-desemprego seja entregue aos banqueiros e aos fundos de investimentos. Guedes quer privatizar o seguro-desemprego.

### AUXÍLIO EMERGENCIAL POR PREVIDÊNCIA PRIVADA

Querem também incluir a carteira verde e amarela digital, na qual as empresas não pagam nada para a aposentadoria dos trabalhadores. A privatização das aposentadorias significa que você terá que entregar todo mês o seu dinheiro para um fundo de investimento, mas quando você se aposentar receberá menos que um salário mínimo.

## PARA COMBATER A CATÁSTROFE SOCIAL

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/32PD0DV

# Um programa emergencial deve tirar dos ricos

Como se não bastasse a desigualdade de antes, teve gente que ficou ainda mais rica com a pandemia no Brasil e no mundo. Em 2019, o 1% mais rico do país ganhava R$ 29 mil mensais, enquanto os 5% mais pobres recebiam R$ 165 por mês.

No entanto, se se taxar as grandes fortunas em 40%, é possível garantir o auxílio emergencial. Mas essa medida não diminuiria a desigualdade no país. Sem acabar com o desemprego e aumentar os salários dos trabalhadores não se pode acabar com a miséria e a fome. As medidas emergenciais de auxílio devem ser medidas de emergência enquanto não se ataca o problema de fundo.

## O QUE É PRECISO FAZER

### Taxar os bilionários para garantir auxílio emergencial

**R$ 812 bilhões:** Fortuna acumulada pelos 42 bilionários no Brasil

**R$ 250 bilhões:** O que o governo já gastou com auxílio emergencial

**R$ 325 bilhões:** O que seria arrecadado com um imposto especial de 40% sobre as fortunas dos bilionários

CONTRA O CAPITALISMO

# Medidas necessárias para acabar com a desigualdade social

Ao mesmo tempo em que a mortandade entre os trabalhadores aumenta durante a pandemia, alguns bilionários ficam mais bilionários, e isso não ocorre somente no Brasil.

Antes da pandemia a fortuna de Jeff Bezos, maior acionista da Amazon, era de US$ 114 bilhões. Em agosto deste ano, alcançou US$ 200 bilhões. À custa da morte de milhares de pessoas, tornou-se o primeiro capitalista a acumular tanto dinheiro.

Isso não tem nada a ver com o vírus: é o sistema capitalista que aumenta as desigualdades no interior dos países e entre os países. Até mesmo os que não reconhecem que o sistema produz desigualdades, os chamados liberais, como Paulo Guedes, aceitam que algum mecanismo de correção é necessário, desde que estes auxílios aumentem suas fortunas.

Entre os que defendem o capitalismo, há os que dizem que o sistema produz desigualdades sociais. Para eles o Estado capitalista deve corrigir essas desigualdades. É o caso de partidos como o PT e o PSOL.

## UM SISTEMA INCORRIGÍVEL

O aumento das desigualdades é o resultado inevitável de um sistema no qual não basta produzir lucros. O aumento permanente do lucro, sua acumulação pelos acionistas, isso é o que importa.

Por isso, a desigualdade no interior dos países – ricos cada vez mais ricos, trabalhadores cada vez mais pobres – e o aumento da distância entre países ricos e pobres, fruto da dominação imperialista, tende a crescer, ainda mais em tempos de crise. A diferença entre os países é dada pela capacidade da classe dominante de acumular lucros.

A desigualdade social nos Estados Unidos aumenta. Porém, no sistema capitalista brasileiro, mesmo antes da crise, a acumulação dos lucros é apoiada num desemprego e subemprego da força de trabalho que força o conjunto dos salários para baixo. A desigualdade aqui é sinônimo de miséria.

Mesmo que se pagasse o salário mínimo do Dieese, que em janeiro deste ano seria de R$ 4.342, seríamos um país desigual – mas bem menos desigual. A desigualdade no Brasil, uma das maiores do mundo, é resultado do desemprego, do subemprego e dos baixos salários. Agora vivemos uma catástrofe social pelo aumento do desemprego e pela dificuldade de ganhar o pão no subemprego por conta da pandemia.

Defendemos que, diante da catástrofe social da crise capitalista, o auxílio emergencial ou qualquer outro nome que possa ter se mantenha para que a fome e a degradação humana não se aprofundem e que os recursos para isso sejam arrancados das grandes fortunas.

Porém não confundimos a emergência com a chamada transferência de renda para combater a desigualdade social, porque mesmo com o auxílio emergencial ela seguirá se aprofundando.

### RETRATO DA DESIGUALDADE NO CAPITALISMO

**US$ 200 bilhões**
É a fortuna de Jeff Bezos (dono do Amazon)

**US$ 7,25 por hora**
É o salário dos trabalhadores estadunidenses

**US$ 19,9 bilhões**
É a fortuna de Joseph Safra, a pessoa mais rica do Brasil

**US$ 193,8**
É o salário mínimo dos trabalhadores brasileiros (R$ 1.045)

SALÁRIOS, LUCROS, RENDA E IMPOSTOS

# Qual a forma de acabar com a pobreza?

A utilização do termo "renda" quando nos referimos à desigualdade social confunde mais do que explica a natureza da desigualdade e as propostas para diminuí-la pelo sistema de impostos. A renda é a remuneração de uma coisa que rende algo. Supondo que o lucro fosse chamado de renda, ele somente existe para os que detêm capital e exploram uma força de trabalho. A renda dos trabalhadores seria então fruto da posse da capacidade de trabalho que, por isso, recebem não uma renda, mas um salário. Logo, existem as rendas dos aluguéis, das terras etc.

Os lucros no Brasil pagam zero de impostos. E o mal chamado Imposto de Renda da Pessoa Física (IRPF) cobra o mesmo percentual de alguém cuja renda vem do lucro e que de outro que vive de salário. Além disso, mais de 50% dos impostos arrecadados são indiretos, pagos pelos que compram feijão, arroz etc.

Esse sistema tributário é uma distorção do próprio sistema burguês de arrecadação de impostos: uma transferência líquida dos que vivem de salários para os que acumulam lucros. Corrigi-lo é sem dúvida uma necessidade. Mas não teria qualquer impacto sobre os salários que os trabalhadores recebem, tampouco sobre o grande desemprego que puxa os salários para baixo.

Quando o PT fez o Bolsa Família sem mexer no sistema tributário, transferiu uma parte do que o Estado arrecada dos impostos dos salários da maioria dos trabalhadores para os que nada ganham, mantendo intocado o lucro de grandes empresários e banqueiros. Guedes quer fazer ainda pior, transformar o auxílio aos que nada têm num negócio lucrativo para seus amigos.

CAPITALISMO BRASILEIRO

# Economia é dominada pelo imperialismo, enquanto maioria vive na miséria

Um país no qual não mais que cem grandes empresas, que empregam cerca de dois milhões de trabalhadores, são responsáveis por 51% de tudo o que o país produz e comercializa, nunca garantirá emprego e salário para a maioria da força de trabalho. O capitalismo brasileiro se converteu em fornecedor de minério de ferro, soja e milho, principalmente para o mercado mundial, controlado pelas multinacionais que ganham bilhões de dólares.

Contudo, 80% da população vive nas cidades, e este modelo de acumulação de lucros condena a maioria da população à miséria. Os bilionários brasileiros estão se lixando, porque esse modelo os torna mais ricos.

Antes, os reformistas procuravam burgueses que podiam ser seus aliados para industrializar e expandir o capitalismo no Brasil. Não encontraram, então o PT preferiu governar aceitando e aprofundando a dominação imperialista. Bolsonaro e Guedes tampouco querem mudar algo. Ao contrário, querem aumentar os lucros arrochando ainda mais os salários e cortando direitos, dizendo que isso vai gerar empregos.

Sem uma forte luta contra a grande burguesia brasileira é impossível romper com o modelo que nos condena à catástrofe social. Sem construir uma alternativa socialista, um governo socialista dos trabalhadores

*OS RICOS DEVEM FINANCIAR ESTAS MEDIDAS*

# Em defesa da vida, do emprego, do salário, da moradia, da renda, dos direitos e da soberania

Já passamos de 120 mil mortos pela COVID-19 e seguimos perto de mil mortos por dia, em números subnotificados. Junto com as mortes, temos a explosão do desemprego, a queda de 15% na renda do trabalhador, a redução e o fim do auxílio emergencial. Enquanto os trabalhadores com carteira e os pequenos proprietários têm seus direitos ameaçados, os super-ricos são preservados.

O agronegócio, por sua vez, dominado por multinacionais, é todo voltado para a exportação, emprega pouca gente e encarece o preço dos alimentos dentro do país. Junto com isso, o governo entrega ainda mais as empresas e as riquezas do país a multinacionais e bancos internacionais.

A razão da heroica greve dos trabalhadores dos Correios demonstra isso. O governo e a empresa querem tirar 79 cláusulas do Acordo Coletivo dos carteiros, categoria com menor salário dentre as estatais. Também querem desmontar e privatizar uma das empresas mais necessárias, eficientes e lucrativas do país.

Ainda assim, Bolsonaro quer posar de bonzinho. Visando 2022, tenta mostrar que o desemprego é resultado do isolamento social, que as mortes pelo coronavírus são inevitáveis e que é muito dinheiro para o Estado pagar em auxílio.

Apresentamos um programa de emergência para garantir emprego, salário, renda, saúde, moradia e saneamento no rumo de acabar com a fome e as desigualdades sociais e desenvolver o país, mostrando que precisamos de uma alternativa socialista e revolucionária.

**FIM DO AUXÍLIO DEIXA MILHÕES AO LÉU**

**Bolsonaro reduz auxílio de**

**R$ 600**

**R$ 300**

**Renda Brasil vai atender só 20 dos 65 milhões que hoje dependem do auxílio**

**QUEDA NA RENDA**

**15,4% de queda na massa salarial entre fevereiro e junho**

**3,8% foi a queda na renda média dos trabalhadores**

(Fonte: IBGE)

**DISPARA O PREÇO DOS ALIMENTOS**

**Arroz – alta de 26%**

**Carne bovina – alta de 25%**

**Carne suína – alta de 15%**

**Frango – alta de 10%**

**Óleo de soja – alta de 31%**

(Fonte: Fipe)

## NOSSAS PROPOSTAS PARA A CRISE

### EMPREGO PARA TODOS

**Redução da jornada de trabalho sem redução do salário**

– Ao invés de liberar as demissões ou reduzir jornada e salário, o governo deveria decretar estabilidade no emprego e reduzir a jornada de trabalho para 30 horas semanais.

**Plano de obras e serviços públicos para gerar emprego e garantir vida digna**

– Construção de casas para todos e universalização do saneamento básico. Construção de hospitais, escolas, creches e rede de educação infantil, limpeza urbana, infraestrutura urbana em todas as favelas e bairros periféricos do país. Infraestrutura digital para todos e expansão da rede de trens e metrôs públicos para todos os bairros. Obra s e serviços que empreguem milhões de trabalhadores em todo o Brasil, sendo reservadas 70% das vagas para mulheres e negros.

**Fim da terceirização e da precarização do trabalho**

Revogação das reformas trabalhista e da Previdência e da lei das terceirizações. Não à uberização do trabalho. Contratação de todos os trabalhadores de aplicativos pelas empresas (Uber, iFood, Rappi etc.), com carteira assinada e todos os direitos trabalhistas garantidos. Programa financiado pela totalidade do lucro líquido dos aplicativos no Brasil, que não seria remetido ao exterior por dez anos. Caso as empresas se recusem a isso, o Estado encampará as operações das empresas, estatizando-as e colocando-as sob controle dos trabalhadores.

### Alimentos para todos

**Abertura de restaurantes populares**

– Que sirvam refeições a R$ 1 em todas as cidades do Brasil, utilizando a agricultura familiar, cujas famílias serão cadastradas e organizadas em cooperativas estatais, num amplo plano nacional de reforma agrária.

– Estatização das grandes redes de supermercados estrangeiros, garantindo a distribuição de alimentos de qualidade a preços acessíveis à população.

### Saúde para todos

**Ampliação geral do SUS e estatização dos hospitais e dos serviços de saúde privados**

Para garantir estes investimentos e a ampliação do serviço de saúde pública, propomos a estatização de toda a rede privada, a encampação de todos os hospitais e equipamentos, com a contratação de todos os profissionais da área pelo Estado.

### Em defesa da vida

**Quarentena para valer, com emprego e renda**

É preciso exigir quarentena geral já, com emprego e renda para todos a fim de evitar mais mortes até que haja uma vacina.

**Manutenção do auxílio emergencial de R$ 600**

É preciso manter o auxílio de R$ 600, que já é insuficiente para garantir a sobrevivência dos desempregados e informais, até que a pandemia passe.

# Os ricos é que devem pagar pela crise

O governo e toda a patronal fazem um escândalo dizendo que os empresários não podem fechar suas empresas para acabar com os problemas dos pobres da sociedade. Esse argumento é falso do começo ao fim.

Estamos propondo requisitar apenas 50% do lucro líquido das 500 maiores empresas do Brasil e dos 50 maiores bancos e seguradoras do país. Isso significa que os grandes empresários continuarão ganhando muito dinheiro com 50% dos seus lucros preservados.

| | |
|---|---|
| Requisitar 50% do lucro líquido dos 50 maiores bancos e seguradoras instalados no Brasil (valor de 2018)<br>Fonte: Revista Exame Melhores e Maiores 2019 | R$ 75,2 bilhões |
| Requisitar 50% do lucro líquido das 500 maiores empresas instaladas no Brasil (valor de 2018)<br>Fonte: Revista Exame Melhores e Maiores 2019 | R$ 118,5 bilhões |
| Cortar incentivos fiscais das grandes empresas (valor de 2019)<br>Fonte: http://fenafisco.org.br/noticias-fenafisco/item/item/3350 | R$ 376 bilhões |
| Cortar as remessas de lucros das multinacionais para matrizes (valor de 2018)<br>Fonte: Contas Nacionais Trimestrais do IBGE. Elaboração : ILAESE | R$ 173,5 bilhões |

SAÍDA

# Desenvolver o Brasil e romper com a dominação colonial capitalista

O Brasil está dominado pelo capital internacional, isto é, não temos a soberania sobre nossa economia. Cerca de 60% da nossa economia está dominada pelas multinacionais. Portanto, é um mito que o Brasil é um país independente e dono do seu próprio nariz.

As 100 maiores empresas multinacionais instaladas no país empregavam, em 2016, apenas 2 milhões de trabalhadores dos 46 milhões de trabalhadores formais do Brasil.

Toda a indústria de base do Brasil foi privatizada e desnacionalizada: mineração, siderurgia, petroquímica, energia, telefonia, aeroespacial etc. A dominação imperialista sobre a economia brasileira está atrasando o desenvolvimento do país. Em vez de desenvolver a indústria de ponta estamos voltando à economia colonial exportadora de produtos primários e energia.

Para evitar a destruição do Brasil e garantir o desenvolvimento econômico do país e a melhoria substancial do nível de vida dos trabalhadores e pobres do país, apresentamos quatro propostas fundamentais para reordenar toda a economia brasileira.

## CAPITALISMO BRASILEIRO

### Anulação de todas as privatizações realizadas desde 1990

**– Suspender e anular todas as privatizações e os atos de desmonte da Petrobras realizados desde 1997, que recrudesceu após 2014 e deu um salto com Bolsonaro. Estabelecer o controle de cada empresa por comitês compostos pelos próprios trabalhadores e organizações de usuários.**

### Estatização do sistema financeiro e formação de um banco estatal único que financie a reconstrução econômica e social do país

**– A estatização do sistema financeiro deve ser associada à suspensão do pagamento da dívida interna e externa, para gerar recursos para a reorganização do país do ponto de vista da classe trabalhadora**

### Suspensão por dez anos das remessas de lucro das multinacionais

**– Entre 2010 e 2018, as multinacionais instaladas no Brasil enviaram R$ 1,1 trilhão para fora, muito mais do que investiram na economia e no povo brasileiro.**

### Imposto progressivo sobre grandes fortunas, patrimônio e dividendos

**– Apenas taxando em 40% as fortunas dos bilionários, daria para arrecadar mais do que o governo já pagou no auxílio emergencial este ano.**

(Fonte: Revista Melhores e Maiores da Exame)
http://fenafisco.org.br/noticias-fenafisco/item/item/3350

## O RETRATO DE UMA ECONOMIA DESNACIONALIZADA

### Veja a presença do capital estrangeiro em cada setor

| | |
|---|---|
| Setor eletrônico | 100% estrangeiro |
| Autoindústria | 92% |
| Indústria digital | 88% |
| Petroquímica | 79% |
| Siderurgia e metalurgia | 68% |
| Bancos e fundos de investimento no sistema financeiro | 57% |
| Agronegócio | 70% |
| Capital estrangeiro na Petrobras | 57% |

DITADURA NUNCA MAIS!

# Os 41 anos da Lei da Anistia precisam ser lembrados

LUIZ CARLOS PRATES MANCHA E MANE BAÍA,
EX-PRESOS E PERSEGUIDOS POLÍTICOS DA CONVERGÊNCIA

Perseguições, terror psicológico, demissões, prisões, torturas, assassinatos, extermínio de povos indígenas e ocultação de cadáveres. Empresas privadas diretamente envolvidas no financiamento da repressão. O Brasil dirigido por militares corruptos e totalmente vendido aos interesses da burguesia e do imperialismo.

Esse é o retrato da ditadura civil-militar no Brasil, que começou em 1964 e, em 1968, com o fechamento total do regime a partir do AI-5, reprimiu as lutas e atacou a democracia.

### O CALDEIRÃO COMEÇOU A FERVER

Organizações da sociedade civil vinham fazendo pressão. Em 1975, parentes e amigos de presos e desaparecidos criaram o Movimento Feminino pela Anistia. Em 1978, surgiu o Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA), com representações em diversos estados e até em Paris, onde viviam muitos exilados.

Diante da pressão social e dos sinais de que a ditadura desgastada não se sustentaria por muito tempo, o sanguinário general Ernesto Geisel anunciou, em 1974, que daria início a uma "abertura lenta, gradual e segura". O general Figueiredo, seu sucessor e último presidente da ditadura, tomou posse em março de 1979 e apresentou o projeto da Lei da Anistia já em junho.

Assim que o projeto de lei se tornou público, sem prever a anistia ampla, geral e irrestrita, presos políticos deram início a uma greve de fome em diversos presídios do Brasil. O projeto de anistia de Figueiredo era restritivo, pois negava o perdão aos presos políticos que tivessem sido condenados de forma definitiva. O projeto ainda perdoava os militares que cometeram abusos, incluindo a tortura e a execução de adversários da ditadura, dando segurança de que jamais seriam punidos.




### ANISTIA, IMPORTANTE CONQUISTA! MAS NÃO PUNIU TORTURADORES NEM EMPRESAS

A aprovação viria em agosto de 1979, a toque de caixa. No dia 22, senadores e deputados se reuniram na Câmara para votar o projeto. As galerias, repletas de familiares dos perseguidos políticos, vaiavam a ditadura. No plenário, os parlamentares dos dois únicos partidos, Arena (governo) e MDB (oposição consentida), num cenário de crise e agressões, debatiam a lei de anistia. No fim, em votação simbólica (sem contagem oficial), o projeto do governo foi aprovado, mas por apenas quatro votos. É importante dizer que a Arena tinha a maioria dos parlamentares, incluindo os chamados senadores biônicos, nomeados pelos militares. Em 28 de agosto de 1979, Figueiredo sancionou a Lei nº 6.683 sobre a Anistia.




Há 41 anos, a luta pela "anistia ampla, geral e irrestrita" conquistou a Lei da Anistia. Não era a anistia reivindicada, mas foi a conquistada. As mobilizações e as greves dos trabalhadores tiveram papel decisivo, pois, na luta por melhores salários corroídos pela inflação e por democracia, enfrentaram o regime e sua Lei de Segurança Nacional.

A classe operária voltou à cena política com a greve da Scania, em São Bernardo do Campo (SP), em maio de 1978. Na sequência, dezenas de fábricas metalúrgicas da região do ABC paulista pararam, numa onda que se estenderia para o resto de São Paulo, envolvendo também bancários e professores. Abria-se a mais importante onda de greves da história do país, que culminou com a grande greve dos metalúrgicos do ABC em 1980. As mobilizações de massa, as greves e a campanha das diretas levaram ao fim da ditadura em 1985.

LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/34UEWSW

LIMITES

# A PM e o aparato repressivo não foram desmantelados

A Constituinte de 1988, ainda que tenha conquistas democráticas, não desmantelou a polícia militar e todo o aparato repressivo do regime militar.

De lá para cá, num grande acordo de conciliação nacional, os governos democráticos, do PSDB ao PT, não tomaram nenhuma medida para punir os torturadores, os militares e as empresas públicas e privadas que financiaram o golpe de 1964, diferentemente do que ocorreu em outros países da própria América do Sul. Na Argentina, por exemplo, o ditador Jorge Videla morreu na cadeia.

Os governos de conciliação de classes do PT, com iniciativas tímidas em defesa da memória e da justiça de transição, na verdade pouco fizeram avançar os julgamentos da anistia, deixando um legado de mais de 18 mil anistiandos na fila de espera. O governo Temer paralisou o funcionamento da Comissão de Anistia, questionando sua autonomia e independência.

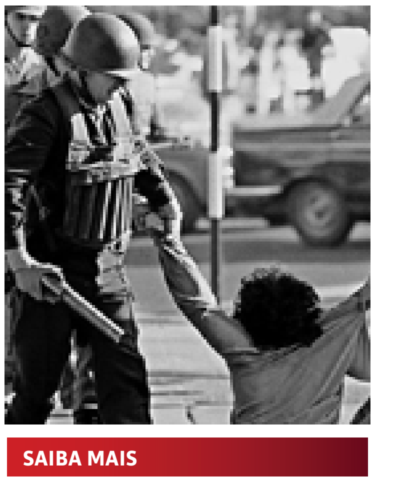
### BOLSONARO E DITADURA

A consequência dessa conciliação e desse "esquecimento" quanto à punição dos assassinos da ditadura foi o aumento da violência policial contra o povo pobre e negro da periferia e a repressão aos movimentos, criando as condições para o surgimento de Bolsonaro, que defende a ditadura e a tortura e ameaça as liberdades democráticas duramente conquistadas pela mobilização popular.

Bolsonaro quer acabar com a reparação dos crimes da ditadura indeferindo os processos que ainda não foram julgados e quer revisar os já ganhos. Além disso, criou mais um órgão repressor, o Centro de Inteligência Nacional. Seu objetivo é reescrever a história, justificando e exaltando o golpe de 1964 e preparando o terreno para medidas repressivas que impeçam reações aos seus próprios crimes políticos e também criminalizar ações e mobilizações da luta dos trabalhadores.

### ANISTIA É REPARAÇÃO, MEMÓRIA, VERDADE E JUSTIÇA!

Cabe aos trabalhadores a luta em defesa das liberdades democráticas contra a instalação de um regime militar no país e a luta pela memória: "que nunca se esqueça para que nunca mais aconteça." Mais do que nunca, os 41 anos da Lei da Anistia precisam ser lembrados, e essa luta, fortalecida! Anistia para todos os perseguidos políticos!



SAIBA MAIS

ASSISTA AO DOCUMENTÁRIO A CONVERGÊNCIA SOCIALISTA E A DITADURA MILITAR

DENTRO DO IMPÉRIO

# Protestos e revolta contra o racismo nos Estados Unidos

WILSON HONÓRIO DA SILVA,
DA SEC. NACIONAL DE FORMAÇÃO DO PSTU

As últimas semanas nos Estados Unidos ofereceram mais uma série de imagens marcantes dos conflitos que varrem o país nos últimos anos, em particular depois do assassinato de Breonna Taylor, em 13 de março, e George Floyd, em 25 de maio. São cenas que, de forma isolada, já dizem muito sobre um país no qual a questão racial sempre esteve no centro de sua história. Contudo, tal qual num filme, precisam ser colocadas em movimento, embaralhadas para que possamos entender o que se passa por lá e o que pode vir.

No dia 23 de agosto, uma cena chocante, que viralizou rápido nas redes sociais, mostrava Jacob Blake, de 29 anos, morador de Kenosha, no estado de Wisconsin, tornando-se mais uma vítima da violência racista, covarde e brutal da polícia. Ele foi alvejado pelas costas com sete tiros que o deixaram paraplégico.

Na sequência, mesmo em meio à pandemia que já matou 180 mil pessoas nos EUA, voltaram a circular as imagens de ruas tomadas por milhares de pessoas cada vez mais radicalizadas, ecoando o grito “Sem justiça, não há paz!”. Protestos, como sempre, enfrentados com a brutalidade sem limites das forças de repressão.

Essa brutalidade ganhou um componente não inesperado, mas sintomático da profundidade dos conflitos e da polarização no país. Na terça-feira, 25 de agosto, um jovem de 17 anos, Kyle Rittinhouse, disparou com um fuzil AR-15 contra os manifestantes, matando duas pessoas e ferindo uma terceira.

No meio de tudo isso, em 26 de agosto, uma imagem disse muito exatamente pelo que não havia nela: a quadra de basquete, aconteceria o jogo entre o Milwaukee Bucks (da maior cidade de Wisconsin) e Orlando Magic (parte da importantíssima NBA, a Liga Nacional de basquete) ficou vazia quando os jogadores decretaram greve em protesto à tentativa de assassinato de Blake. A cena que se repetiu nos dias seguintes na Liga Feminina, em campos de futebol, beisebol e quase todos os esportes.

Ao fundo de tudo isso, durante esses mesmos dias, tivemos o desprazer de ver a convenção do Partido Republicano que comprovou Trump como candidato a presidente. Ao mesmo tempo, seu principal opositor, o democrata Joe Biden, já confirmado, fazia o que democratas sabem fazer de melhor: jogo de cena para não fazer absolutamente nada de efetivo, enquanto tentam mascarar a completa e total sintonia com o Estado racista e a violência policial.


Bandeira americana é queimada durante protestos em Kenosha Wiscosin

Todas essas cenas de certa forma culminaram numa das mais belas e fortes. Em 28 de agosto, apesar da pandemia, milhares tomaram a cidade de Washington D. C., a capital do país, para lembrar os 57 anos do discurso “Eu tenho um sonho”, pronunciado ali por Martin Luther King Jr. Por isso, a imagem que talvez melhor traduza o que está rolando nos EUA é a da bandeira estadunidense que aparece em meio às chamas, naquilo que restou do Departamento Penitenciário de Kenosha depois de ter sido incendiado por manifestantes do dia 24 de agosto.

Simbólica em vários sentidos, a imagem nos faz lembrar que, mesmo que ainda firmes, algumas das principais instituições, ilusões e sonhos que alimentaram a ideia do coração dos EUA como símbolo da democracia, lar da prosperidade e guardião dos direitos humanos, têm sido esfarrapados pelas rebeliões negras que insistem em continuar nas ruas. A altura das chamas e o que surgirá de suas cinzas ainda são coisas difíceis de se prever, mas com certeza a história não tem volta.

A CARA DO RACISMO

## Jacob Blake e a crueldade do racismo


Marcha em Washington em 28 de agosto

Tudo que envolve a história de Jacob Blake, 29 anos, é exemplo da dimensão do racismo nos EUA e o quanto revela sobre aquele país. Jacob foi alvejado à queima roupa, quando tentava entrar no próprio carro. Como se não bastasse, aconteceu diante dos três filhos, que estavam no interior do veículo.

Até hoje não foram dadas explicações do porquê dos disparos. Os policiais envolvidos foram apenas suspensos de suas atividades. Isso num estado governado por Tony Evers, um Democrata, que teve o descaramento de tuitar que apoia os movimentos por “justiça, equidade e responsabilidade pelas vidas negras”.

Um símbolo da situação de barbárie vivida pelos negros e negras estadunidenses é o fato de que somente em 27 de agosto os pais de Jacob conseguiram retirar as algemas que o prendiam à cama na qual ele, paralisado da cintura pra baixo, lutava pela vida. Para que isso acontecesse, ainda tiveram de pagar uma fiança de US$ 500 (cerca de R$ 2.700).

A CARA DO RACISTA

## Kyle: a “América” sonhada por Trump

A história que levou Kyle Rittenhouse a metralhar um protesto contra o atentado a Blake só pode ser entendida como a repetição estarrecedora e enojante de cenas de um país cuja segregação extrema deu origem a organizações de supremacistas brancos, como a Ku Klux Klan, fundada em 1865.

Contudo, também é importante lembrar que Kyle não está sozinho. Como se soube depois, ele é parte de uma organização chamada Blues Lives Matter (Vidas azuis importam, em referência à cor dos uniformes policiais nos EUA), frequenta organizações cristãs fundamentalistas e, como mostrado em imagens descobertas depois do atentado, é fiel seguidor de Trump, tendo participado, em 30 de janeiro, em um comício do presidente na cidade de Des Moines, no estado de Iowa.

Por isso mesmo sua ação criminosa não pode ser vista como fato isolado, muito menos como de um garoto perturbado, como agora seus advogados e aliados querem convencer-nos. Isso é algo particularmente absurdo, considerando-se o espetáculo


Jacob Kyle, o atirador racista em comício de Trump

de ódio e racismo protagonizado por Trump e seus seguidores durante a convenção do Partido Republicano que, iniciada três dias após o atentado em Kenosha, confirmou-o como candidato para as eleições.

Dentre os protagonistas do primeiro dia da convenção, estava o casal McCloskey, conhecido por apontar armas contra os manifestantes do Black Lives Matter (Vidas Negras Importam) em Saint Louis, no estado do Missouri, afirmando que suas ações foram atos de “legítima defesa”, contra a tentativa de se destruir o chamado “american way of live” (o modo de vida “americano”).

Na convenção, os republicanos ensaiaram cantar vitória certa num momento em que a maioria das pesquisas (como a publicada no site The Hill, em 31/08/2020), demonstra que Trump tem 38% das intenções de votos no chamado Colégio Eleitoral contra 47% do democrata Joe Biden.

A desvantagem reflete tanto o desprezo proposital e criminoso de Trump em relação à pandemia, o que fez com que os EUA se tornassem o epicentro mundial do coronavírus, com 5,8 milhões de pessoas contaminadas e 180 mil mortos (que, como já noticiamos, afetam de forma totalmente desproporcional a população negra, latina e indígena), quanto por sua postura descaradamente racista e pró-assassinatos diante do levante negro.

HIPOCRISIA

# Biden, os democratas e a recomposição da ordem



Como alternativa aos republicanos e no que diz respeito às reais questões que estão incendiando o país, os democratas, são embalados pela hipocrisia mais descarada e a permanente tentativa de cooptação daqueles que clamam por igualdade e justiça. Exemplo disso foi a escolha de sua candidata a vice, Kamala Harris. Aparentemente, foi uma escolha, feita sob medida diante do levante negro nos EUA, já que ela é a única mulher negra no Senado do país, filha de mãe indiana e pai jamaicano. Ela também se tornou a primeira mulher a assumir a Procuradoria Geral em seu estado, a Califórnia.

Porém, apesar de defender posições liberais em torno de questões como aborto e direitos LGBTs, Kamala é conhecida por ter o orgulho de rotular a si própria como uma "policial de elite" e, ao mesmo tempo, uma "promotora progressiva". Uma baboseira que serve para mascarar sua incrível capacidade de manobra ao lidar com todo e qualquer tema polêmico, em particular aquele que tem levado milhares às ruas: a polícia.

Ela, por exemplo, se opõe à principal palavra de ordem do BLM, "defund the police", que seria algo como "desinvestimentos na polícia", ou seja, cortes orçamentários nos departamentos policiais, com a destinação de verbas para fundos para programas sociais.

Quando atuava como promotora na Califórnia, ela foi denunciada várias vezes por fugir de casos envolvendo policiais que tivessem cometido crimes. Em sua biografia, escrita em 2009, ela sintetizou o que pensa: "se pedirem para aqueles que gostariam de ver mais policiais na rua levantarem suas mãos, as minhas dispararíam para cima."

Contudo, o que talvez melhor explicite o seu pensamento seja o tratamento que deu à chamada "lei das três tacadas" da Califórnia, que determina que qualquer acusado por um terceiro crime poderia ser condenado de 25 anos a prisão perpétua, mesmo que o terceiro crime fosse um crime não violento. Qual foi a grande mudança proposta por Harris: que a promotoria do distrito de São Francisco só acusasse uma terceira tacada se o crime fosse um crime grave ou violento.

Segundo dados de 2015, 51,1% das pessoas presas (e não condenadas) por homicídio nos EUA, eram negras, apesar de corresponderem a cerca de 13% da população. É impossível que a promotora desconheça uma pesquisa realizada pela Universidade de Michigan, em 2017, que, de acordo com o jornal The New York Times (03/07/2017) constatou que nada menos que 47% de negros condenados por homicídio foram posteriormente exonerados, às vezes décadas depois da prisão, em função de condenações injustas.

No mais, as mortes por COVID-19 e a repressão às manifestações seguem nos estados e nas cidades dirigidos por democratas o mesmo padrão daqueles governados por republicamos. A síntese da política do partido diante dos protestos foi feita por Biden em seu comunicado sobre Kenosha: "Protestar contra a brutalidade é um direito e absolutamente necessário, mas queimar comunidades não é protestar. Isso é violência desnecessária, violência que coloca vidas em risco e fecha negócios que servem à comunidade."

NÃO ACABOU

# Ainda tem muito jogo pela frente




O impacto da decisão dos jogadores da NBA e todas as demonstrações que vieram depois em quadras dos mais diversos esportes, com jogadores e jogadoras ajoelhados, de punhos erguidos e usando camisetas e símbolos de protesto, é algo que a própria imprensa estadunidense comparou com os gestos dos atletas Tommie Smith e John Carlos, que nos Jogos Olímpicos do México, em 1968, subiram ao pódio e acompanharam a execução do Hino Nacional do país com punhos enluvados e erguidos, como os Panteras Negras.

Em abril daquele mesmo ano, Martin Luther King havia sido assassinado, depois de realizar uma série de atividades com trabalhadores do serviço sanitário de Memphis, que estavam em greve por melhores condições e para os quais, o próprio Luther King frisou, o sonho de um país livre, em que negras e negros fossem respeitados pelo seu caráter e não a cor de suas peles, parecia distante demais.

Essa é, em grande medida, a mesma contradição encarada nos EUA de hoje. Por um lado, a persistência de um racismo violento e segregacionista; por outro, a luta incessante pela libertação. A diferença é que, nos dias atuais, este confronto se dá num país mergulhado na maior crise econômica que o planeta enfrenta desde os anos 1920 e numa pandemia cujas consequências sociais e econômicas têm sido devastadoras.

Trata-se de uma situação que, ainda menos do que nos tempos de Luther King, é possível de ser enfrentada como a venda de ilusões de que este sistema é capaz de oferecer uma saída para a humanidade, em particular para aqueles e aquelas historicamente marginalizados.

Nesse sentido, por mais que a palavra de ordem "vidas negras importam" ainda ecoe forte nas ruas, é evidente que o movimento em si, um conglomerado de mais de 130 organizações com os mais distintos perfis políticos (de pró-Biden a socialistas de diversos matizes) não tem conseguido oferecer uma alternativa programática e de organização.

Esse é o grande desafio colocado para negros e negras dos Estados Unidos para que não se repitam histórias como as de Breonna, Floyd, Blake, Ferguson, Baltimore e tantas outras. Somente a construção de uma luta conjunta com trabalhadores e trabalhadoras, latinos, brancos, nativos e imigrantes poderá pôr um ponto final a essa brutalidade levada a cabo por uma polícia e um Estado impregnados pelo racismo, sempre a serviço da mesma coisa: os privilégios de uma burguesia cuja capacidade de matar para defender seus interesses já preencheu páginas e mais páginas banhadas em sangue nos livros de História.

**LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3JDOFKY**

*MOVIMENTO*

# Greve dos Correios: em defesa dos direitos e da vida, contra a privatização

GERALDINHO RODRIGUES, DE SÃO PAULO (SP)

Os trabalhadores dos Correios estão em greve nacional unificada por tempo indeterminado desde 18 de agosto. A greve une os 36 sindicatos e as duas federações da categoria. A luta é em defesa dos direitos e, principalmente, contra a privatização. A categoria entrou em greve devido à quebra do acordo feito em 2019 no Tribunal Superior do Trabalho (TST), que a empresa está descumprindo (leia ao lado).

Essa é a maior greve nacional dos últimos 30 anos, com adesão de 70% da categoria. O movimento avança com ocupações de importantes centros de encomendas, com destaque para Indaiatuba (SP), que ficou ocupado pelos trabalhadores por mais de 96 horas. Essas ações têm se expandido por todo o país e fortalecido a greve. Já estamos parados há três semanas, e os trabalhadores dos Correios mostram o caminho para derrotar o governo ultraliberal de Bolsonaro, Guedes e Mourão.

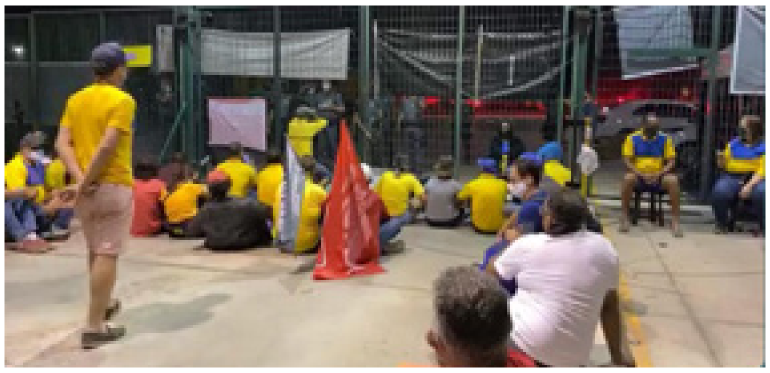
**SAIBA MAIS**

### Justiça contra o trabalhador

Em 2019, após a categoria ter feito uma forte greve, o TST julgou e deu uma sentença normativa que garantia um acordo com todas as cláusulas, de vigência por dois anos. Mas a empresa recorreu no STF e, numa decisão monocrática do ministro Dias Toffoli, derrubou a vigência do acordo. Em seguida, o plenário do STF votou por unanimidade a manutenção da liminar da empresa, derrubando a sentença normativa do TST. Isso só confirma que a Justiça tem lado e não é o dos trabalhadores.

**COVID-19 E CORREIOS**

## Mais de 100 trabalhadores já morreram



As funções exercidas pelos trabalhadores dos Correios são consideradas serviço essencial em meio à pandemia. A categoria tem trabalhado mesmo sem as condições necessárias. Para garantir Equipamento de Proteção Individual (EPI), os sindicatos e as federações tiveram de entrar na Justiça, porque a empresa não os forneceu, colocando a vida dos trabalhadores, de seus familiares e da própria população em risco. É uma demonstração de total desrespeito à vida das pessoas.

O presidente dos Correios, o general Floriano Peixoto, usa a mesma política assassina e negacionista de Bolsonaro. Somos a segunda categoria a perder mais trabalhadores durante a pandemia. Já são mais de 120 mortos e milhares de infectados. Esses números foram levantados pelos 36 sindicatos da categoria, já que a direção da empresa não fornece os números exatos, mesmo tendo sido solicitado pelas organizações dos trabalhadores diversas vezes.

**QUEREM ROUBAR NOSSO PATRIMÔNIO**

## Privatização: bilionários estão de olho nos Correios

As funções exercidas pelos trabalhadores dos Correios são consideradas serviço essencial em meio à pandemia. A categoria tem trabalhado mesmo sem as condições necessárias. Para garantir Equipamento de Proteção Individual (EPI), os sindicatos e as federações tiveram de entrar na Justiça, porque a empresa não os forneceu, colocando a vida dos trabalhadores, de seus familiares e da própria população em risco. É uma demonstração de total desrespeito à vida das pessoas.




O presidente dos Correios, o general Floriano Peixoto, usa a mesma política assassina e negacionista de Bolsonaro. Somos a segunda categoria a perder mais trabalhadores durante a pandemia. Já são mais de 120 mortos e milhares de infectados. Esses números foram levantados pelos 36 sindicatos da categoria, já que a direção da empresa não fornece os números exatos, mesmo tendo sido solicitado pelas organizações dos trabalhadores diversas vezes.

**NÃO À PRIVATIZAÇÃO**

## Correios 100% público, estatal e sob controle dos trabalhadores




Um dos argumentos que sempre utilizamos para defender os Correios contra a privatização é que a empresa é lucrativa e tem importância social para o povo brasileiro. Os Correios atuam em todos os municípios do país e têm a missão de integração nacional, além das funções sociais e humanitárias. Sua logística é utilizada em casos de calamidade pública, entrega de livros do programa Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), entrega das urnas nas eleições, pagamento das aposentadorias onde não tem sistema bancário e também as provas do Enem.

Outra mentira do governo e da mídia é que a empresa não funciona porque tem monopólio. É bom ressaltar que os Correios detêm o monopólio de cartas e mensagens, mas no segmento de encomendas sofre forte concorrência com outras empresas, a maioria estrangeiras. Ainda assim, as tarifas são menos da metade dos concorrentes como Fedex, DHL e JadLog, que atuam apenas nos grandes centros.

A privatização dos Correios vai acabar com todos esses serviços prestados pela empresa no país e vai encarecer muito a entrega de encomendas. Também abre o caminho para a privatização das demais estatais que lutam contra as privatizações, como Petrobras, Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil, entre outras.

Os Correios devem ser 100% estatal e sua gestão deve estar nas mãos dos trabalhadores que sabem como funciona a empresa e podem administrá-la de acordo com as necessidades do povo.

# mural

PROTESTO

## Bolsonaro não é bem-vindo ao Vale do Aço

No dia 26 de agosto, Bolsonaro foi a Ipatinga (MG), no Vale do Aço, numa visita para lá de eleitoreira. O religamento do alto-forno 1 da Usiminas foi usado pelo presidente para gastar uma fortuna de dinheiro público e atrair seus apoiadores, como o governador Romeu Zema (NOVO). Mas Bolsonaro foi ao Vale do Aço num momento em que a Usiminas anuncia o fechamento da Usiminas Mecânica (Usimec), que poderá levar à perda de mais de mil postos de trabalho diretos, agravando a enorme crise social na região. A ida de Bolsonaro ocorreu também num momento em que a pandemia ceifou a vida de mais de cinco mil mineiros, com mais de 200 mil infectados oficialmente, já que os números são subnotificados.

A visita de Bolsonaro provocou manifestações de repúdio. Os movimentos sociais realizaram atividades em toda a cidade. Em vários pontos, foram estendidas faixas de protesto. Os diversos ativistas e lutadores de Ipatinga enfrentaram a hostilidade dos apoiadores do presidente, mas também receberam a simpatia massiva da população, com buzinaço e demonstração de apoio às manifestações.




ESPECIAL

## Dia da visibilidade das mulheres lésbicas e bissexuais

O dia 28 de agosto foi Dia Nacional da Visibilidade Lésbica. Lutar pela visibilidade das mulheres lésbicas e bissexuais é imprescindível nessa sociedade que nega aos oprimidos a igualdade de oportunidades e os torna ainda mais vulneráveis às consequências da pandemia.

O descaso com nossas vidas e a política criminosa dos governos sentenciaram à morte centenas de milhares em todo o mundo e aprofundaram a barbárie social, a pobreza e a violência que os setores mais oprimidos e explorados da classe trabalhadora já enfrentavam antes da pandemia. Para Bolsonaro, Mourão, Damares e toda sua corja, as vidas das LGBTs nunca importaram, assim como não se importam com os feminicídios e o genocídio dos negros nas periferias.

Os governos capitalistas se apoiam na lgbtfobia, no machismo e no racismo para superexplorar e dividir nossa classe, mas se chocam com aquelas e aqueles cuja própria existência já é uma resistência.

Para marcar a data, o Portal do PSTU lançou o especial "Romper com a invisibilidade na luta pelo socialismo", com artigos que retratam a situação invisível das mulheres lésbicas e bissexuais e apontam os desa-

**SAIBA MAIS**

**CONFIRA O ESPECIAL AQUI**




LUTO

## Adeus a Chadwick Boseman, o eterno Pantera Negra

Foi com muita tristeza que todos receberam a triste notícia da morte do ator Chadwick Boseman no último dia 28. Nos últimos quatro anos, Chadwick travou uma batalha contra um câncer de cólon.

Nascido em Anderson, na Carolina do Sul, nos EUA, Chadwick foi ator, diretor e roteirista. Porém ganhou inúmeros fãs quando realizou a brilhante atuação do super-herói da Marvel, Pantera Negra, no que foi um dos principais filmes do gênero da atualidade. Filme este que, apesar dos limites impostos pela indústria cultural hollywoodiana, ecoou com força nas lutas negras, nas ruas, contra a exploração e a opressão nos Estados Unidos e mundo afora. Junto a um elenco fantástico, Chadwick representou T'Challa, o rei de Wakanda, a utopia negra em solo africano.

Chadwick identificou o câncer antes da finalização do filme, mas continuou construindo seus projetos, entregando performances que exigiam não só seu imenso talento artístico, mas até mesmo ganho ou perda de musculatura e cenas de ação. Essa resistência e vontade de fazer o que gosta e de representar a população negra numa indústria tão excludente é mais que louvável.

Que os ventos das lutas negras e antirracistas possam carregar seu espírito de luta, sua garra e seu amor pela arte engajada e façam ecoarem novos sonhos, novos talentos e novas (ou não) utopias neste momento difícil. Vidas negras importam!





*MEMÓRIA*

# Luiz Gama: um exemplo a ser eternizado

**WILSON HONÓRIO DA SILVA,**
**DA SEC. NACIONAL DE FORMAÇÃO DO PSTU**

Em 24 de agosto de 1882, morreu Luiz Gama, uma das figuras mais excepcionais de nossa história, tão excepcional que foi esquecido de propósito pelos livros didáticos e por aqueles que se prestam a falar da luta abolicionista no país. Mesmo quando é lembrado, em tempos de busca por saídas conciliatórias e remediadas, não tem sido raro que sua vida seja filtrada por uma perspectiva que tenta emparedá-lo na luta institucional ou retratá-lo como um intelectual negro símbolo de um tal empoderamento que, com certeza, o faria erguer seu vozeirão em protesto.

Para se ter uma ideia de quem foi Gama, basta lembrar que, há 132 anos, seu cortejo fúnebre, saindo da região da Mooca, em São Paulo, em direção ao Cemitério da Consolação, foi considerado, pela imprensa da época, como o maior jamais visto na cidade, arrastando cerca de 30 mil pessoas, a maioria escravos, negros e negras forros, gente do povo e brancos pobres que o viam como porta-voz dos anseio por liberdade e por um mundo novo – o que na época significava no mínimo republicano.

Por que esse apagamento? A resposta tem a ver com toda uma vida dedicada à luta sem tréguas pela liberdade e pela justiça, a uma língua tão afiada quanto a pena que usava para produzir seus textos (poéticos, literários, jurídicos e jornalísticos).

Mas, acima de tudo, em função de sua visão de mundo, era um rebelde e radical no melhor sentido do termo: sempre a busca das raízes dos problemas, vendo além da superfície das coisas e, por consequência, não poupando esforços para transformá-las de forma radical, desde suas estruturas. Uma visão de mundo sintetizada numa frase proferida, sem medo nem rodeios, em pleno Tribunal de Justiça: "O escravo que mata o senhor, seja em que circunstância for, mata sempre em legítima defesa."

## NASCIDO E CUNHADO NA REBELDIA

A história de Gama tem origem e se confunde com a de outra grande lutadora de nossa história, sua mãe, Luiza Mahin, que ele próprio descreveu, mencionando sua participação na Revolta do Malês (1835) e na Sabinada (1837), numa carta autobiográfica que enviou em 1880 ao amigo Lúcio de Mendonça.

Apesar de ter nascido livre, foi vendido em 1840 pelo próprio pai, um homem branco atolado em dívidas, e levado para Santos, no litoral. De lá, seguiu a pé até Campinas, onde ninguém quis comprá-lo por "ser baiano", sinônimo para "rebelde" na época, o que fez com que acabasse parando nas mãos de um comerciante de São Paulo.

Aprendeu a ler e escrever com um estudante que era pensionista do dono. Assim que pode, forjou documentos que "lhe restituíram" a liberdade. Em 1850, mesmo ano em que se casou com Claudina Gama, com quem teve um único filho, Benedito Graco, tentou frequentar o curso de Direito do Largo de São Francisco, enfrentando forte hostilidade (tanto de professores quanto de alunos) em função de sua negritude. No entanto, seguiu nas aulas como ouvinte, o que acabou o qualificando como rábula ou advogado provisionado (sem formação acadêmica, mas licenciado pelo poder judiciário). Isso não o impediu, como veremos, de se tornar um dos mais competentes advogados de nossa história.

**PARA SEMPRE, UM DE NÓS!**

# Um revolucionário, por todos meios necessários

A frase está desde sempre associada a Malcolm X, mas não há porque não a utilizar para falar de Luiz Gama. Na introdução que fez para Com a palavra Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máximas, organizado por Lígia Fonseca Ferreira, uma das obras mais importantes sobre o autor-militante, exatamente por dar voz a ele próprio, o historiador Fábio Konder Comparado, sintetiza sua vida excepcional, a amplitude e a importância de seus feitos:



"O menino negro, vendido como escravo pelo próprio pai quando tinha dez anos, tendo aprendido a ler e escrever somente aos 17 anos, tornou-se um intelectual apurado e o maior advogado de escravos que este país conheceu. Praticamente sozinho, logrou livrar do cativeiro ilegal mais de 500 negros – fato sem precedentes na história mundial da advocacia. Mas, sobretudo, Luiz Gama, muito mais que qualquer abolicionista brasileiro, não hesitou em desmascarar pela imprensa – o grande instrumento de contrapoder da época – a falsidade de nossas pretensas elites."

Mesmo que precisa em vários sentidos, a síntese de Comparato ainda é um tanto parcial. Primeiro porque, para Gama, apesar de sua paixão pela escrita – tanto na sua forma poética e literária, quanto jornalística e jurídica –, não foi exatamente a imprensa a sua principal ferramenta de contrapoder. É verdade que suas sátiras sociais e políticas, seus textos afiados e suas peças jurídicas imbatíveis foram fundamentais em sua luta, tanto com relação à escravidão quanto à monarquia.

Vale dizer que a palavra para ele também tinha uma força para além do papel. Seu poder de oratória era quase lendário em sua época. Porém tudo que escreveu e produziu foi resultante de sua atividade militante concreta, também nas ações diretas, na luta pela liberdade. Algo que não se limitava aos textos publicados no jornal A Redenção, mas implicava em métodos de luta que incluíam libertar escravos de forma clandestina (mesmo quando isso significasse confronto aberto com os senhores, feitores e capitães-do-mato) e enviá-los para o Quilombo do Jabaquara ou outras regiões fora de São Paulo.

Mestiço consciente de sua negritude, homem que soube usar todas as armas em sua luta, rebelde contra toda e qualquer ordem estabelecida, conspirador que sabia atuar por dentro das instituições para detoná-las, Luiz Gama é, para nós do PSTU, um exemplo de revolucionário negro, mesmo que o socialismo ainda não estivesse em seu horizonte.

Isso, contudo, não o impediu de sentir e entender o verdadeiro sentido da revolução, como escreveu no folhetim O Polichenelo, em 31 de dezembro de 1876: "É muito difícil organizar uma revolução, muito mais difícil realizá-la, e absolutamente insuportável a opinião dos humanitários que nos apregoam máximas e dão lições de prudência no meio das tempestades e hecatombes."

**LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3HRRKPS**